

**Literatura: crítica comparada**

JOÃO LUIS PEREIRA

OURIQUE, JOÃO MANUEL

DOS SANTOS CUNHA

E GERSON ROBERTO

NEUMANN (ORG.)

Pelotas, RS: EDUPel, 2011

**Exercícios comparatistas sob o signo da intertextualidade e da interdisciplinaridade**

João Manuel dos Santos Cunha \*

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Fruto da prática comparatista de docentes participantes de três Grupos de Pesquisa institucionalizados junto à Universidade Federal de Pelotas, a obra *Literatura: crítica comparada* veicula artigos de autoria desses pesquisadores e incorpora ainda contribuição de investigadores vinculados a outras instituições acadêmicas brasileiras e do exterior. Na perspectiva de que as relações interdisciplinares e interinstitucionais são fundamentais para o progresso da pesquisa em literatura, a coletânea propõe reflexão ampla sobre temas relevantes para o comparatismo na atualidade, reforçando a necessidade de se pensar o texto literário como um discurso *inter*-textualidades e a literatura comparada não como uma disciplina apartada do contexto cultural, mas que, justamente, coloca sua razão de ser no compromisso com o outro —outro texto, outra história, outro saber—. Pensado nesses termos, o conjunto dos ensaios evidencia o fato de que, “ainda que o discurso literário seja um discurso particular, nele, o contexto se refrata em forma de texto”, como bem observou Leyla Perrone-Moisés (7).

Contemporaneamente, todo estudo comparatista convoca necessariamente a noção de intertextualidade. Esse fato tornou-se tão natural, que até já não nos ocupamos em problematizar a noção dessa categoria analítica. E é essa sua localização na cena literária atual que faz dela um campo de questionamento particularmente produtivo para o exame de problemas que, se tomados em absoluto, dificilmente encontrarão uma formulação epistemológica consequente. Podemos concluir, então, sob essa ótica, que estratégias interdisciplinares e intertextuais —fundadas na confluência de textos e de disciplinas— aportam contribuição metodológica tão importante aos estudos literários, que acabam por redefinir não só o lugar da literatura comparada, como o da própria literatura: elas se inscrevem agora como local de cultura, caracterizado, para além da relação entre textos, disciplinas e saberes, pela inter-relação de sujeitos. São preocupações como essas que movem as reflexões que dão corpo ao livro *Literatura: crítica comparada*.

Dividida em três partes, a obra apresenta seções dedicadas a temas específicos: a primeira —“O local da literatura comparada: interdisciplinaridade e intertex-

\* Doutor em Letras, *Literatura Comparada*, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil; pós-doutorado em *Literatura Comparada*, pela Université Paris III, Sorbonne Nouvelle, França. Professor-orientador no Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPel. Publicou diversos livros, entre os quais *A tradução criativa: A hora da estrela—do livro ao filme: a intersecção de duas narrativas e A lição aproveitada: modernismo e cinema em Mário de Andrade*.

tualidade” —, partindo da qualidade de transversalidade que a disciplina porta desde sua sistematização acadêmica, reúne um conjunto de quatro ensaios que abordam o literário sob essa perspectiva. Abrindo essa seção, Eduardo Coutinho trata, justamente, do incontornável caráter interdisciplinar da literatura comparada, construído no próprio percurso de sua fixação como disciplina: para ele, a literatura é “uma prática discursiva intersubjetiva como muitas outras”, posição que tensiona o arco da instigante discussão sobre o próprio *locus* da obra literária, alinhado às mais recentes indagações teórico-críticas formuladas no domínio do comparatismo em âmbito internacional. Na sequência, Marilene Weinhardt, em “Outros palimpsestos: ficção histórica 2001–2010”, não hesita afirmar que, “no caso da ficção narrativa que pode ser qualificada como histórica, o caráter intertextual é específico, definindo a condição inscrita no adjetivo”. Por meio de seu ensaio, temos acesso a inventário exaustivo de narrativas identificadas como intertextos que se articulam com hipotextos históricos. Já em “Borges precursor, estribaciones entre literatura comparada e hipertextualidad”, a pesquisadora argentina Adriana Crolla aponta para novos ângulos e possibilidades de operação das teorias da transtextualidade, a partir da obra de um autor que se constitui, por si só, como um *locus* de literatura: Jorge Luis Borges. Partindo do famoso e tão visitado ensaio “Kafka e seus precursores”, Crolla cria a categoria da “precursoridad” para pensar um próprio Borges precursor, evidenciando a produtividade potencial de sua obra em tantos “outros” que, lendo-o e reiventando-o, percorrem infinitamente o labirinto interminável da literatura. No último capítulo dessa seção, “*Quincas berro d’água*, ontem e hoje”, Helena Bonito Couto Pereira discute as relações entre literatura e cinema, aproximando a novela de Jorge Amado (1951) do filme de Sérgio Machado (2010), ambos denominados *Quincas berro d’água*, e demonstrando que ler o literário pelo espelhamento de sua tradução intersemiótica pode ser prática reveladora de aspectos antes invisíveis em ambos os textos.

204 205

A segunda seção, “Tempos de repressão”, reúne cinco ensaios: “O *Filoctetes* de Heiner Müller ou sobre a eficácia da mentira”, de Leonardo Munk; “Força, autoridade e violência como categorias para se ler a literatura”, de Rosana Cristina Zanelatto; “Sujeitos oprimidos, vozes silenciadas”, de Rosani Ketzer Umbach; “Configurações da memória em Caio Fernando Abreu”, de Ana Paula Cantarelli, e “A iminência da perda: uma reflexão sobre as obras *Angústia* e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos”, de João Luis Ourique. Todos os autores abordam narrativas de ficção em perspectiva interdisciplinar mas de forma transversal, ou seja, não apenas convocando um tema que aproxime o literário de textos oriundos de outros campos do saber, mas transpondo limites disciplinares para dialogar com outros sujeitos e suas referências contextuais.

Na terceira seção, intitulada “Opressão e trauma”, o tema unificador é o da invocação da memória em textos narrativos, por meio de um duplo entendimento: o das lembranças individuais e o da noção de uma memória coletiva, passível de ser interpretada historicamente, eis que, se a experiência pessoal é limitada ao mundo circundante de um sujeito, o discurso do outro complementará essa narrativa. Sob esse viés se articulam os ensaios “Trauma e memória em *Batismo de sangue*, de Helvécio Rattón”, por Lizandro Carlos Calegari; “Crítica comparada, crítica social e crítica psicanalítica: narrativas do trauma e da violência em Mia Couto”, de Ricardo Ferreira Martins; e em “Interrogando o humanismo cartesiano: a lógica do corpo na ficção de J. M. Coetzee”, de Denise Almeida Silva.

Assim, como se pode verificar com a leitura dos ensaios reunidos em *Literatura: crítica comparada*, os autores não se restringem à mera aproximação temática entre textos literários e textualidades originadas em outros campos do conhecimento, mas, resultado de orientação comparatista em perspectiva transversal, exercitam análise contrastiva de elementos culturais de distinta natureza. Neles, poderemos reconhecer a prática investigativa que Tânia Franco Carvalhal identificou como “o permanente movimento que revitaliza o comparatismo e que lhe dá uma nova configuração: o vaivém entre campos e textos, literários ou não; entre noções e seus avessos; entre o teórico e o imaginário” (170).

### **Bibliografia**

- CARVALHAL, T. F. (2005) “Encontros na travessia”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, (7), 170.
- PERRONE-MOISÉS, L. (2001) “Desconstruindo os estudos culturais”. Anais do IV Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. Évora.